

Duarte, Eduardo de Assis, and Maria Nazareth Soares Fonseca, eds. *Literatura e afrodescendência no Brasil: Antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora da Universidade de Minas Gerais, 2011.

Há estudos que definem, ou redefinem, um movimento, uma geração de escritores ou até uma disciplina. A partir de agora, os estudos afro-brasileiros contam com uma antologia que estabelece contundentemente o seu cânone de autores, teóricos, e textos, sintetizando a polêmica sobre a produção literária chamada “afro-brasileira” ou “negra” no contexto brasileiro. Duarte e Fonseca mudam a natureza da produção acadêmica, dialogando e indo além do recente debate sobre as cotas raciais nas universidades brasileiras. Seu estudo apoia e expande os objetivos da lei número 10.639/2003, que exige que o ensino da história e da cultura afro-brasileiras faça parte da formação educacional de todo brasileiro.

O projeto é dividido em quatro volumes, cada um com uma breve introdução. Os primeiros três procuram estabelecer um cânone, segundo seus títulos, através de “Precursores” (autores nascidos antes de 1930), “Consolidação” (autores nascidos entre 1930 e 1950), e “Contemporaneidade” da literatura afro-brasileira. Cada entrada apresenta, em primeiro lugar, uma bibliografia do(a) autor(a), seguida por uma biografia e excertos ou exemplos da obra de cada artista. As entradas foram escritas por setenta e um dos estudiosos mais importantes do Brasil e dos Estados Unidos. O volume “Precursores” inclui autores negros ou mulatos que, por seu contexto histórico, nem sempre manifestam uma “consciência negra”, mas que exemplificam traços e processos importantes na formação dessa mesma consciência. Em termos cronológicos, começa com as sátiras do abolicionista mulato Luís Gama e a primeira novelista brasileira Maria Firmina dos Reis, e inclui entradas sobre os afrodescendentes mais famosos e polêmicos do país, o poeta simbolista João da Cruz e Souza e o escritor brasileiro mais importante até nossos dias, Joaquim Maria Machado de Assis. Cruz e Souza e Machado são mencionados constantemente nos textos críticos da antologia. Os excertos são provas textuais do interesse desses escritores consagrados em questões relacionadas ao que hoje seria considerado racismo, a identidade negra, o impacto da escravatura e sua abolição. A abordagem desses textos possibilita novos descobrimentos por parte do leitor. A antologia, em

suma, é uma revisão da história da literatura brasileira, ou talvez uma história paralela que só os estudos da diáspora africana possibilitam.

O volume “Consolidação” da literatura negra no Brasil é representado por trinta escritores que se destacaram, e em muitos casos continuam destacando-se, na poesia, no teatro e na narrativa. No caso dos músicos e escritores Nei Lopes e Martinho da Vila, analisam-se suas letras que fazem referência à identidade negra. Qualquer pessoa interessada no Teatro Experimental do Negro e seus membros mais importantes, como Abdias Nascimento, encontrará neste livro uma ferramenta imprescindível. A revista *Cadernos Negros* e o grupo cultural que a fundou, Quilombhoje, estão bem representados, ao lado dos autores que a revista formou, como Conceição Evaristo. A revista ganhou visibilidade no exterior com a coletânea *Cadernos Negros: Os melhores contos* (1998) e continua ganhando fama com a edição crítica bilingue de Niyi Afolabi, Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro, todos eles colaboradores de *Cadernos Negros: Movimento literário contemporâneo* (2008).

O volume “Contemporaneidade” inclui também muitos autores de *Cadernos Negros*, além de uma grande diversidade de tendências artísticas e políticas. Segundo Duarte, trata-se de “uma produção que se destaca perante o quadro de esgotamento e superação do projeto modernista—em especial os ímpetus de negação do passado e de celebração de uma brasilidade fundada na mestiçagem e representada a partir de uma visão distanciada do Outro”. Trata-se, então, de “escritores conscientes de sua condição de minoria perante o poder cultural” (9). Esse volume inclui quarenta autores que cultivam, além dos gêneros mais estabelecidos, ficção juvenil e literatura escrita na internet. Também inclui a obra de Ana Maria Gonçalves, autora negra/afro-brasileira que mora nos Estados Unidos, embora muitos de seus contemporâneos publiquem em revistas e coletâneas nos Estados Unidos, continuando o diálogo artístico e acadêmico entre os dois países.

Esse cosmopolitismo também está presente no último volume, “História, teoria, polêmica”, que compreende uma introdução de Duarte e Fonseca, depoimentos dos estudiosos e artistas mais importantes do campo, e uma polêmica sobre aspectos fundamentais da disciplina. Entretanto, a única crítica que se pode fazer é que os títulos dão a impressão de só incluir as vozes de Abdias

Nascimento, de autores dos *Cadernos Negros* e da reconhecida estudiosa Zilá Bernd, quando de fato compreendem as ideias dos organizadores, além de Elisa Larkin Nascimento, Laura Padilha, Thiara de Filippo, Ana Reis, Flávio Carranço, Márcia Nascimento e Stephen White, entre outros. Por essa razão, o índice onomástico é muito útil.

Na seção de textos críticos, Silviano Santiago explica a formulação da “democracia racial” pelos modernistas e seu impacto hoje. Regina Dalcastagnè compara as representações do negro na literatura brasileira hoje e no passado. Marcos Antônio Alexandre analisa as tendências do teatro afro-brasileiro desde o TEN até peças mais recentes da Companhia dos Comuns e outros artistas tão novos e pouco estudados que só aparecem mencionados em sites na internet. Zahidé Muzart revela influências anteriormente desconhecidas na obra de Cruz e Souza. Octavio Ianni e Leda Martins, como muitos dos entrevistados, procuram uma definição de cânone para a literatura negra ou afro-brasileira dentro do cânone nacional. Arnaldo Xavier afirma poeticamente a necessidade de uma literatura negra, subvertendo a linguagem no seu ensaio. Fonseca contextualiza a literatura afro-brasileira, revelando as influências que ela sofre do *Harlem Renaissance*, da Negritude e do indigenismo haitiano.

Daqui em diante, qualquer pesquisa sobre a literatura afro-brasileira começará com o estudo de Duarte e Fonseca. Esses quatro volumes e suas 2.010 páginas são monumentais, mas são só um começo. Publicado durante aquele que a UNESCO declarou “o ano do afrodescendente”, *Literatura e afrodescendência no Brasil* definirá “a década do afrodescendente” e o campo dos estudos afro-brasileiros. Nas palavras de Abdias Nascimento, “já era para termos isso há muito tempo” (24).

John Thomas Maddox

Vanderbilt University